

## INQUÉRITO À ESTRUTURA DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS 2023

Entre outubro de 2023 e abril de 2024, a Direção Regional de Estatística da Madeira (DREM), no âmbito do Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas 2023 – operação estatística nacional da responsabilidade do Instituto Nacional de Estatística (INE) – inquiriu uma amostra das explorações agrícolas da Região, tendo sido realizadas 1 460 entrevistas aos agricultores madeirenses.

Este inquérito, para além de procurar responder às necessidades estatísticas ligadas ao setor agrícola, pretendeu conhecer a estrutura das explorações agrícolas, os sistemas de produção, as práticas culturais, a população agrícola familiar e a mão de obra assalariada. Permitiu ainda obter um conjunto de informação relacionada com o desenvolvimento regional, a origem do rendimento do produtor e alguns aspetos relativos à manutenção da atividade da exploração agrícola.

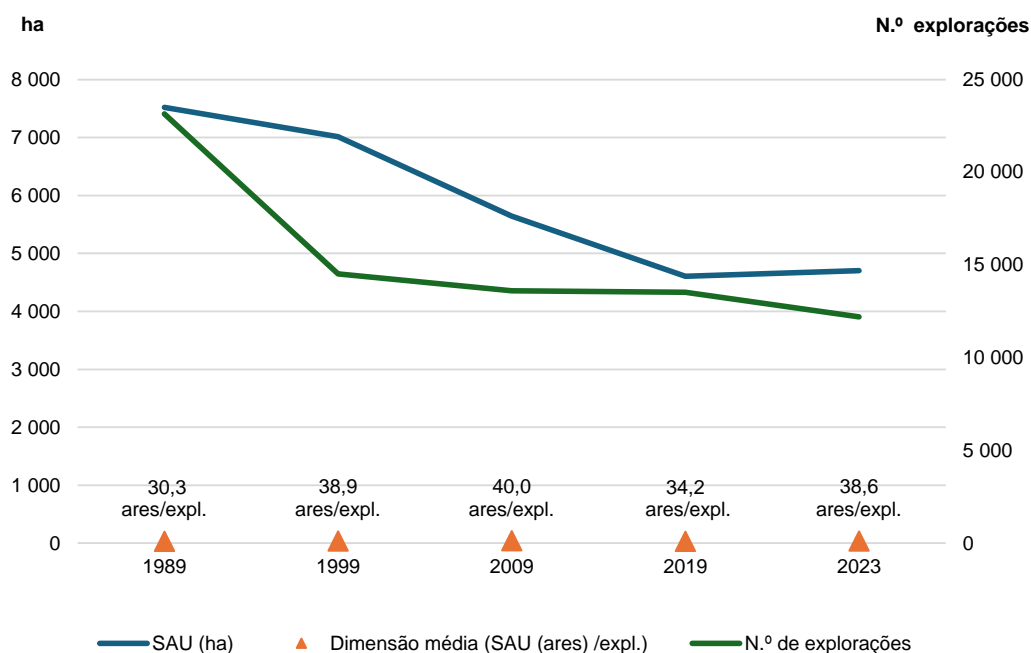
### **Número de explorações e Superfície Agrícola Utilizada (SAU) – SAU cresceu face a 2019, apesar da quebra no número de explorações**

Segundo o Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas 2023 (IEEA 2023), a Região Autónoma da Madeira (RAM) tinha, naquele ano, 12 202 explorações e uma Superfície Agrícola Utilizada (SAU) de 4 702,9 hectares (1 hectare = 100 ares = 10 000 m<sup>2</sup>). Face ao Recenseamento Agrícola de 2019 (RA19), o número de explorações agrícolas caiu 9,8%, enquanto a SAU cresceu 2,1%. É de assinalar que o histórico entre recenseamentos agrícolas (que decorrem habitualmente de 10 em 10 anos) e entre inquéritos estruturais mostrou sempre reduções da área de SAU na Região.

A nível nacional, o número de explorações caiu 9,9%, enquanto a SAU diminuiu 2,6%.

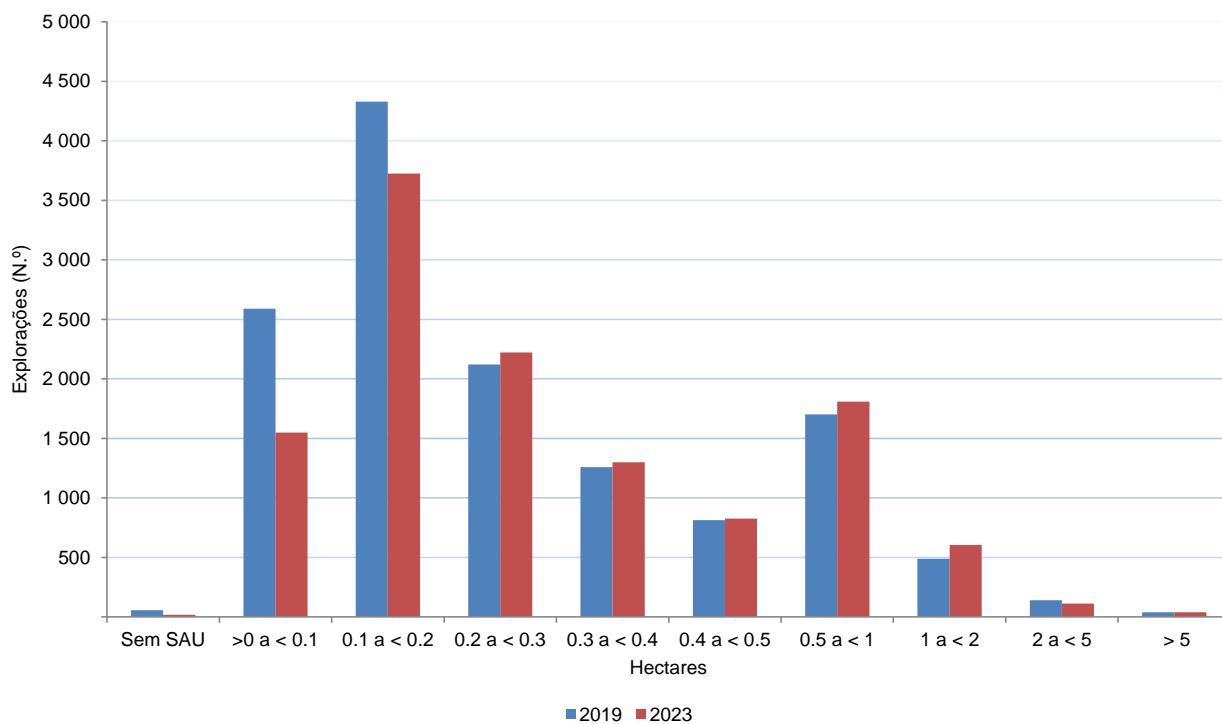
O crescimento da SAU e a redução do número de explorações na Região conduziram a um aumento da área média de SAU (calculada pela divisão da SAU pelo número de explorações com SAU, que é de 12 186), que se fixou nos 3 859 m<sup>2</sup>, acima da apurada no RA19 (3 416 m<sup>2</sup>).

**Gráfico 1 – Explorações, SAU e dimensão média das explorações**



De notar que foi a quebra de 23,8% ocorrida entre 2019 e 2023 nas explorações com menor dimensão (menos de 0,2 hectares de SAU), que determinou a redução global no número de explorações. Por sua vez, o número de explorações entre os 0,2 a 2,0 hectares registou um aumento de 5,9%.

**Gráfico 2 – Explorações por classes de SAU**



De referir que, em 2023, as explorações agrícolas concentravam 8,7% da área total da RAM (8,3% em 2019).

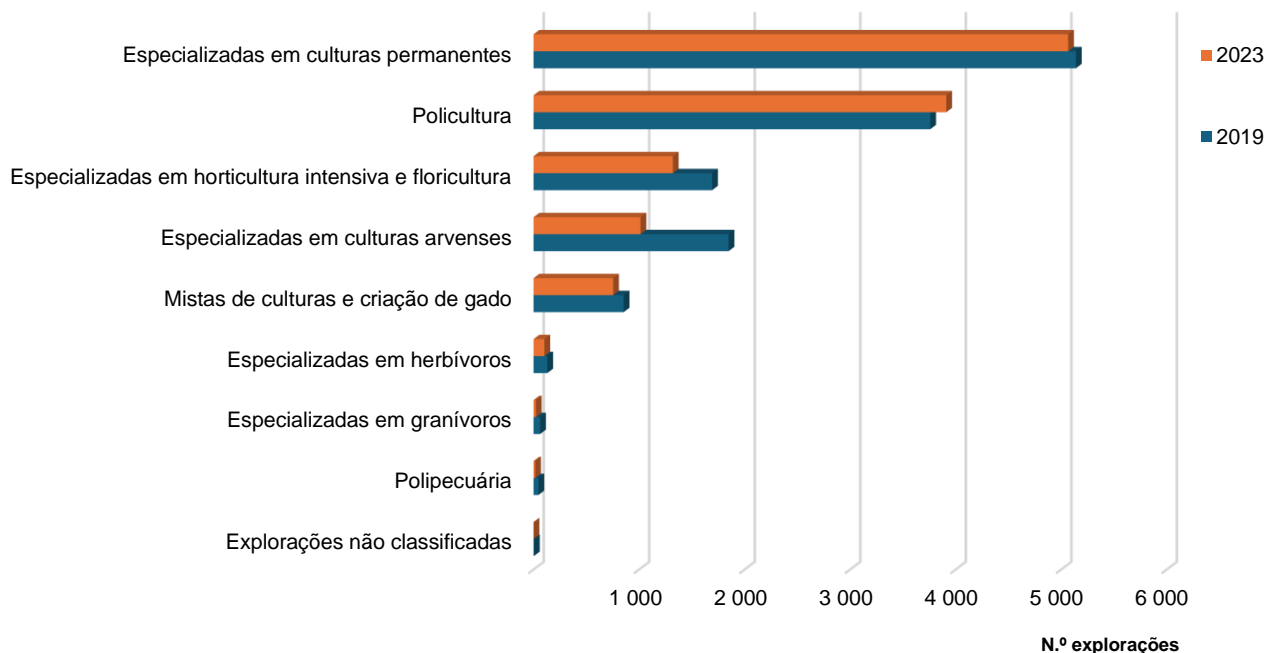
### **Dimensão económica e especialização das explorações – Peso das explorações de dimensão económica muito pequena cresceu, tal como a percentagem de explorações especializadas em culturas permanentes**

Os dados do IEEA 2023 evidenciam um maior peso das explorações de muito pequena dimensão no total de explorações, face ao RA19. Com efeito, em 2023, 77,2% das explorações tinham uma dimensão económica inferior a 8 000 euros (muito pequenas), acima dos 75,6% verificados em 2019. As explorações de pequena dimensão passaram a ter menor peso, representando, em 2023, 19,8% do universo de explorações, contra os 20,7% em 2019.

As grandes explorações mantiveram os 0,4% do total, enquanto as explorações de média dimensão diminuíram, passando a representar 2,6% do total em 2023, comparativamente a 3,2% em 2009.

Em 2023, 61,6% das explorações da RAM eram especializadas, principalmente em culturas permanentes (41,5%) e em horticultura intensiva e floricultura (10,8%). Em comparação com 2019, a proporção de explorações especializadas diminuiu 3,9 pontos percentuais (p.p.) entre os dois períodos, sendo que, no primeiro caso, registou-se um aumento (+3,5 p.p.) e, no segundo, uma diminuição (-1,7 p.p.), pela mesma ordem.

**Gráfico 3 - Composição das explorações segundo a orientação técnico-económica**

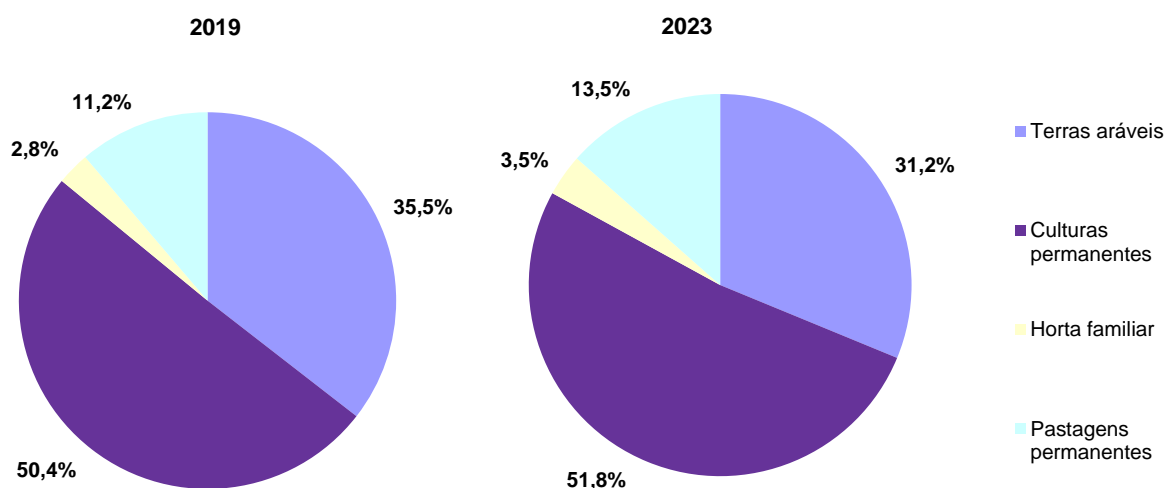


## Utilização da SAU – Peso das culturas permanentes acentuou-se em 2023, em detrimento das terras aráveis

A SAU apurada em 2023 rondou os 4 702,9 ha, sendo a principal fração ocupada por culturas permanentes e terras aráveis, com 51,8% e 31,2%, respetivamente.

A predominância das culturas permanentes (que compreende basicamente as fruteiras e a vinha) acentuou-se, representando, em 2023, 51,8% da SAU (50,4% em 2019), em detrimento das terras aráveis (onde estão incluídas as culturas temporárias, como por exemplo as hortícolas, a batata e as flores), que caíram de 35,5% em 2019 para 31,2% em 2023. As pastagens permanentes representavam, em 2023, 13,5% da área total de SAU, percentagem superior à de 2019 (11,2%). A horta familiar também ganhou alguma relevância, concentrando, em 2023, 3,5% da área de SAU (2,8% em 2019).

Gráfico 4 - Composição da SAU



Nas culturas temporárias (1 454,1 hectares; -9,3% que em 2019), destacam-se as diminuições nas áreas de hortícolas (-21,6%), culturas industriais (-20,1%), flores e plantas ornamentais e no agregado da batata-doce com o inhame (em ambos os casos, -18,0%). Não obstante, as hortícolas permanecem como as mais importantes dentro do grupo das culturas temporárias, concentrando 38,9% do total deste grupo.

Nas culturas permanentes (2 434,2 hectares; +4,8% que em 2019), destaca-se o aumento observado na área das culturas de frutos subtropicais, que passou de 1 076,4 hectares em 2019 para 1 208,2 hectares em 2023, correspondendo a um crescimento de 12,3% neste período, grandemente impulsionado pelo incremento na área de bananeiras. A segunda cultura permanente mais importante é a vinha, com 623,3 hectares (25,6% do total),

que registou uma diminuição de 13,3%. Embora com menor relevância em termos de área, realce também para o crescimento dos frutos frescos (+7,1%) e dos citrinos (+56,1%).

### **Rega – Percentagem da área de SAU com condições de ser regada cresceu ligeiramente**

Em 2023, 86,8% da SAU tinha condições de ser regada, caso o produtor assim o entendesse, uma percentagem superior em 0,7 p.p. à registada no RA19. De salientar que as áreas de pastagens permanentes são aquelas que apresentam menor percentagem de superfície irrigável (22,5%). Nas culturas permanentes, esse rácio atinge 96,9%, e na terra arável, 96,3%.

De referir ainda que 80,8% das explorações com disponibilidade de rega têm água de rega providenciada pelo sistema coletivo público, sendo que 78,9% beneficiam de água proveniente de uma levada.

### **Efetivos animais – Ligeiro crescimento no número de efetivos face a 2019**

Em 2023, contaram-se aproximadamente 5,9 mil ovinos, 4,3 mil suínos, 3,9 mil caprinos e 3,6 mil bovinos nas explorações agrícolas da RAM, observando-se um ligeiro aumento global destes efetivos, na ordem dos 1,8% face ao RA19. De notar que os animais são foram com referência ao dia 1 de setembro de 2023.

### **Natureza jurídica do produtor, população agrícola familiar e mão-de-obra não familiar – Produtores singulares continuam a envelhecer, mas têm mais instrução, enquanto a população agrícola familiar desceu, tal como a mão-de-obra**

Em 2023, a população agrícola familiar na RAM (constituída pelo produtor agrícola e pelo seu agregado doméstico) era de 34 532, menos 2 399 indivíduos que em 2019 (-6,5%).

Dos 34 532 atrás mencionados, 12 008 eram produtores singulares (e os restantes são, em regra, membros dos seus agregados domésticos). É este tipo de responsável jurídico e económico que está à frente de 98,4% das explorações agrícolas da Região. As sociedades constituíam apenas 1,0% do total das explorações da RAM em 2023.

Os produtores agrícolas madeirenses são, na sua maioria, homens, com uma idade média de 64 anos, mais 2 anos do que em 2019. Em 2023, a percentagem de produtores agrícolas do sexo masculino era de 55,9%, superior à de 2019 (55,2%).

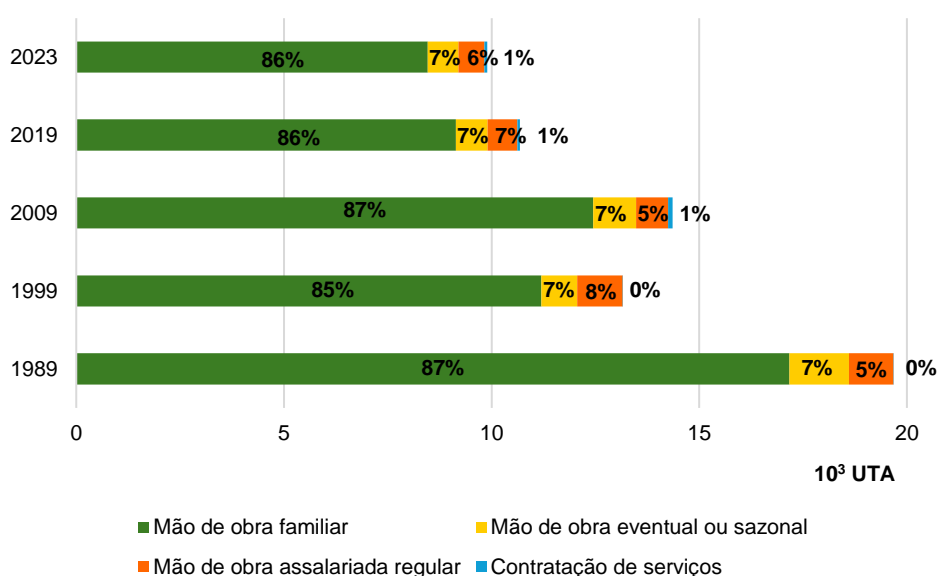
Não se verificou uma evolução significativa nas habilitações da maioria dos produtores agrícolas da RAM, entre 2019 e 2023, mantendo-se sensivelmente a percentagem daqueles com nível de instrução básico (69,8% em 2019 e 71,5% em 2023). Relativamente aos produtores sem qualquer instrução, a percentagem baixou (14,1%

em 2019 e 10,9% em 2023), ao contrário dos com formação superior, cuja proporção cresceu, passando de 7,0% em 2019 para 8,4% em 2023.

A percentagem de produtores madeirenses que declararam trabalhar a tempo completo nas explorações continua reduzida (5,5%), embora tenha aumentado ligeiramente face a 2019 (4,8%). A proporção de produtores que trabalham menos de 50% do seu tempo na exploração também aumentou entre 2019 (70,3%) e 2023 (72,8%), ao contrário do que aconteceu com os que trabalham entre 50% e menos de 100% do seu tempo em atividades agrícolas, cujo peso no total passou de 24,9% em 2019 para 21,8% em 2023.

Em termos das UTA<sup>1</sup> (Unidades de Trabalho-Ano), verificou-se um decréscimo de 7,3% relativamente ao RA19, comum tanto à mão de obra familiar (-7,4%), quanto à mão de obra não familiar (-6,7%). Ainda assim, 85,5% das UTA totais ainda provêm da mão de obra familiar.

**Gráfico 5 - Composição da mão de obra agrícola**



### **Rendimento do produtor e continuidade da exploração agrícola – Quase totalidade dos produtores agrícolas quer manter a exploração, destacando a complementaridade ao rendimento familiar e o valor afetivo**

Em termos de rendimentos, importa referir que apenas 1,2% dos agregados domésticos dos produtores singulares da Região vivem exclusivamente do rendimento proveniente da exploração agrícola, uma

<sup>1</sup> **Unidade de Trabalho Ano (UTA):** unidade de medida equivalente ao trabalho de uma pessoa a tempo completo realizado num ano medido em horas (1 UTA = 240 dias de trabalho ou 1 920 horas por ano).

percentagem inferior à de 2019 (3,5%). Por sua vez, 60,4% dos agregados têm pelo menos um membro que auferiu pensões e/ou reformas (54,8% em 2019).

No que diz respeito às intenções futuras dos produtores singulares madeirenses em relação às suas explorações agrícolas, 98,0% asseguram que continuarão a mantê-las. O complemento ao rendimento familiar é apontado por mais de metade dos produtores singulares (55,9%) como a principal razão para isso. O valor afetivo é referido por 27,5%, enquanto 5,0% declaram não ter alternativa. Por sua vez, 10,5% destacam a viabilidade económica da exploração. Este último motivo, foi o que mais variou face a 2019, onde representava apenas 7,6%.